

## Natureza Selvagem

Em Cores Vivas—Parte 3

Textos Selecionados

### Introdução

Épocas de tempestades são bastante interessantes. O canal da previsão do tempo adquire um novo nível de importância! Ficamos interessados em coisas como deslizamentos de terra, granizo, raios, relâmpagos e enchentes.

Em países que sofrem com tufões e furacões, um dos elementos cruciais é a velocidade do vento. Os jornais mantêm a população informada a cada minuto sobre a velocidade do vento e o que isso significa para a formação de tufões e furacões, ou seja, quando a natureza se torna selvagem.

Em nossa série “Em Cores Vivas,” vamos considerar o que as Escrituras têm a dizer sobre esse lado selvagem da natureza ou ao que costumeiramente chamamos de “desastres naturais.” Mais importante, pensaremos um pouco sobre as seguintes questões: de onde vêm os desastres naturais? Por que ocorreram no momento que ocorreram? E, para o crente, o que os desastres naturais têm a nos ensinar?

Por milhares de anos, a humanidade tem tentado responder a pergunta das tempestades. Na mitologia grega, o deus Aeolus, que era o rei de uma ilha flutuante chamada Aeolia, era considerado o guardião dos ventos. Sua responsabilidade era

manter os ventos violentos e tempestuosos trancados em sua ilha. Na maioria das vezes, Aeolus fazia isso. Mas, às vezes, outros deuses ficavam furiosos com a raça humana e o convenciam a soltar os ventos para causar tumulto na terra. Por isso, quando surgiam furacões, o mundo grego achava que Aeolus estava metido naquilo e que outros deuses estavam furiosos com os seres humanos. Por isso, as pessoas lhes ofereciam alguns sacrifícios para acalmá-los.

Achei interessante descobrir que, poucos anos atrás, um satélite foi lançado com equipamento especial capaz de transmitir dados precisos sobre os ventos ao redor do planeta. Esse é o primeiro satélite equipado com essa tecnologia e ele recebeu—ironicamente—o nome de *Aeolus* em honra ao deus guardião do vento.<sup>1</sup> Sem dúvidas, os deuses precisam ser reconhecidos.

Os Vikings também tinham um deus da tempestade. Ele se chamava Odin e era geralmente retratado junto com lobos e cães. Por isso, esses animais se tornaram símbolos do vento. Os Vikings também acreditavam que bruxas passeavam em suas vassouras pelo ar agitando nuvens de chuva. As bruxas eram frequentemente retratadas ao lado de gatos pretos, um animal que, na antiguidade, simbolizava chuvas pesadas e tempestades sinistras. Existe até a expressão “chovendo gatos e

cachorros” que emergiu da superstição de que ventos fortes e chuvas torrenciais eram fruto do trabalho dos deuses e bruxas que conspiravam juntos.

Se você já viveu tempo suficiente, então já testemunhou ou experimentou desastres naturais, desde deslizamentos de terra a enchentes, tsunamis e furacões. Você provavelmente sabe que as pessoas sempre acabam culpando Deus por causa daquele último desastre natural, ataque terrorista ou sofrimento em geral. Lembro-me de ler um tempo atrás uma matéria de jornal logo após um furacão haver devastado a região. O jornalista disse ousadamente: “Se este mundo é resultado de design inteligente, então o designer tem que dar muita explicação!”

Lembro-me de como um furacão devastou a nossa cidade alguns anos atrás. Os ventos atingiram 185 km/h; trinta pessoas morreram na tempestade. Os prejuízos ficaram em torno dos três bilhões de dólares. Nove anos depois, o famoso furacão Katrina se arremeteu com toda força contra a cidade de Nova Orleans, nos Estados Unidos. Um dos nossos pastores perdeu a casa na tempestade. Os ventos chegaram a quase 280 km/h e mais de 1700 pessoas morreram. Os prejuízos excederam a marca dos 125 bilhões de dólares!

O que você diria, exatamente, para alguém que perdeu sua casa que foi soterrada no último deslizamento de terra ou alagada por aquela enchente terrível? O que você diria a alguém como Jó e sua esposa, por exemplo, que perderam os dez filhos depois que um furacão, que veio aparentemente do nada, derrubou a casa onde todos estavam em uma festa de aniversário? Conforme lemos em Jó 1.4, os filhos de Jó tinham a tradição de se reunir e comemorar seus dias, ou seja, seus aniversários. Que ocasião perfeita para uma tragédia, hein!

Encontramos a palavra *tempestade* 40 vezes nas Escrituras—35 vezes no Antigo Testamento e outras cinco no Novo Testamento. Em nenhum lugar a Bíblia sequer sugere ou deixa nas entrelinhas que Deus perdeu o controle dessa ou daquela tempestade. No decorrer das Escrituras, lemos uma descrição clara da direção e do controle soberanos de Deus sobre a criação, mesmo quando a natureza, aos nossos olhos, se comporta de forma selvagem.

De fato, o livro de Jó revela essa verdade mais do que qualquer outro livro. Lemos em Jó 37.9–12:

*De suas recâmaras sai o pé de vento, e, dos ventos do norte, o frio. Pelo sopro de Deus se dá a geada, e as largas águas se congelam. Também de umidade carrega as densas nuvens, nuvens que espargem os relâmpagos. Então, elas, segundo o rumo que ele dá, se espalham para uma e outra direção, para fazerem tudo o que lhes ordena sobre a redondeza da terra.*

Agora, para a nossa surpresa, existem crentes que afirmam que Deus não tem nada a ver com os desastres naturais—eles não passam de forças de uma natureza selvagem. Deus simplesmente deixa a natureza seguir seu curso e em seguida tenta fazer com que algo bom surja do acontecido. Por outro lado, esse mesmo crente provavelmente ora a Deus pedindo um dia de céu limpo na data do seu casamento ao ar livre, ou pede a Deus por chuva em tempos de seca.

Até mesmo os descrentes de vez em quando fazem uma oração ou duas se o clima não está muito favorável. Assim como fizeram aqueles marinheiros pagãos que começaram a orar a todos os deuses que podiam pensar, enquanto o profeta Jonas dormia tranquilamente no porão. Depois, Jonas lhes disse que havia sido o seu Deus que tinha, na verdade, enviado a tempestade que estava prestes a afundar o navio. Lemos em Jonas 1.4:

*Mas o Senhor lançou sobre o mar um forte vento, e fez-se no mar uma grande tempestade, e o navio estava a ponto de se despedaçar.*

Quando os marinheiros ouviram que o Deus de Jonas era o responsável, eles começaram a orar ao Senhor também (Jonas 1.14).

Um tempo atrás, eu li que, após um terremoto haver sacudido uma cidade na Califórnia, um grupo de pastores se reuniu para tomar café da manhã e orar juntos. Eles conversaram sobre o desastre que tinha acontecido e concluíram que Deus não teve nada a ver com o terremoto. Ao final da reunião de oração, um dos pastores orou a Deus e agradeceu porque o terremoto tinha acontecido cedo de manhã quando havia poucas pessoas nas ruas, ou seja, antes do horário de trabalho e de aulas começar. Quando ele terminou de orar, todos concluíram com um uníssono “amém.” Como agradecer a Deus pela hora do terremoto, se Deus não teve nada a ver com ele?

Se Deus não tem nada a ver com o clima, então fica difícil explicar o Senhor se levantando do sono no meio de uma tempestade no Mar da Galileia e dizendo ao vento e às ondas que se arremessavam contra o barco: *Acalma-te, emudece!* Em seguida, *o vento se aquietou, e fez-se grande bonança.* Daí, os discípulos, *possuídos de grande temor, diziam uns aos outros: Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?* (Marcos 4.39–41). Nós também ficamos surpresos!

Esta talvez seja uma verdade difícil de aceitar, mas o controle e o propósito de Deus podem incluir tristeza, sofrimento, dor e morte através de meios secundários como os desastres naturais. Deus realiza seus propósitos mesmo por trás de meios inexplicáveis.

O profeta Naum nos apresenta a Deus que está na *tormenta e na tempestade* (Naum 1.3). Isaías

registra o próprio Senhor falando: *Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas* (Isaías 45.7).

Portanto, lembre-se do seguinte: até mesmo crentes bem-intencionados tentarão proteger Deus, retratando-o como não tendo nada a ver com os desastres naturais. Enquanto isso, Deus está ali do lado assumindo toda a responsabilidade.

E essa é, a propósito, a única explicação que nos fornece algum tipo de esperança. Afinal, não foi aleatório, sem sentido, sem propósito, Deus não desapareceu, Deus não perdeu o controle das coisas e Deus não virou as costas para você! Deus, somente, conhece os propósitos que tem e um dia os revelará.

Meu querido, aqui está a confiança do crente: este universo pertence a Deus; esta é a sua tempestade, o seu raio, a sua enchente, o seu raio de sol, a sua brisa e estas são as suas criaturas na Terra!

Será que Deus está no controle dos desastres naturais? Sem dúvidas Noé estava contando com isso enquanto navegava pelo dilúvio global. Será que Deus controla os predadores famintos? Essa foi a explicação que Daniel deu ao rei no dia seguinte após ter sobrevivido a noite na cova dos leões. Será que Deus estava no controle daquele grande peixe que engoliu Jonas vivo? Se Jonas não acreditasse nisso, ele jamais teria feito uma reunião de oração na barriga do peixe, dizendo: “Senhor, Tu me lançaste no abismo... As ondas e vagas passam sobre mim... Tu fizeste isto... Tu estás no controle disso tudo!”

Meu amado, Deus controla o mundo natural. E é nesse arcabouço bíblico do caráter e soberania de Deus que encontramos esperança, confiança e descanso. Mesmo quando tudo parece ser um caos, Deus, no fundo, tem o controle do caos. Mesmo quando a natureza parece ser selvagem, Deus

permanece no comando. Assim, como escreveu um pastor do passado, “aprendemos a beijar a onda que nos arremessa contra a Rocha Eterna.”

Quais lições podemos aprender com as tempestades e desastres naturais da vida? Permita-me sugerir quatro lições.

### **1. Primeiro: os desastres naturais revelam para nós a fragilidade da vida.**

Os desastres naturais deixam evidente como nós somos totalmente dependentes para as coisas mais básicas da vida. Até hoje, mesmo que os cientistas falem sobre a possibilidade de fazer inseminação nas nuvens para controlar o clima, ainda não conseguimos fazer chover!

Vários anos atrás, centenas de pessoas deram as mãos e oraram no centro de uma grande cidade, em frente ao prédio da prefeitura. Os níveis de água estavam baixíssimos. Na região mais afetada pela seca, os agricultores passaram a depender de irrigação, e as restrições que o governo impusera no uso de água não estavam surtindo o efeito desejado no reservatório cada vez mais baixo.

Então, o governador, arriscando ser zombado e se tornar objeto da fúria de muitos, convocou uma reunião de oração pública, dizendo: “Estou aqui hoje para pedir que vocês, bem como todas as pessoas que creem no poder da oração, implorem a Deus para que ele mande a bênção da chuva sobre o nosso estado, nossa região e nossa nação.”

Uns anos depois, o governador de outro estado—e candidato à presidência—fez uma declaração ainda mais ousada, ao convidar outros governadores para um dia de oração. O objetivo era “suplicar a Jesus que nos guie em meio a lutas inéditas que enfrentamos como nação, incluindo a multidão de desastres naturais.”

Não há nada de errado com isso. Cada gota de chuva, cada pedacinho de gelo, cada tornado, cada enchente e cada furacão faz parte do plano de Deus para cumprir, no fim, os seus propósitos.

Em face a esse tipo de humildade, redescobrimos como a vida é frágil e como somos incapazes de produzir sequer uma gota de chuva ou de conter uma gota de chuva apenas.

A natureza basicamente pergunta para nós: “Quem vocês pensam que são?” Ela tem um jeitinho de nos humilhar—o que é uma coisa boa—enquanto nos prostramos diante do Criador e reconhecemos que algo maior do que nós está trabalhando e Alguém maior do que nós está no controle. Desastres naturais revelam a fragilidade da vida.

### **2. Segundo: os desastres naturais nos lembram de ficar alertas e andar sempre perto do Senhor.**

Crer que Deus está no controle não elimina a nossa responsabilidade de lhe obedecer, andar com ele e viver sempre alertas para os perigos espirituais que podem surgir do nada. Conforme o apóstolo Pedro alertou o crente:

*Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar (1 Pedro 5.8).*

Nunca sabemos quando começará a próxima batalha espiritual; portanto, fique atento. E aqui está a grande diferença entre um desastre natural e uma batalha espiritual que enfrentamos: no caso de uma tempestade, temos vários alertas dos meteorologistas. No caso de terremotos e furacões, existe muito alerta antes da chegada do desastre. As pessoas recebem oportunidades suficientes para

*evacuar a zona de perigo.* Os meteorologistas se tornam as pessoas prediletas de todo mundo!

Quando uma tempestade se aproxima da nossa região, sabemos o que evitar, aonde não ir e onde ficar; lemos todos os relatórios dos repórteres e avaliações, bem como toda a tecnologia por trás da tempestade, seguindo e calculando a velocidade do tempo; ninguém se arrisca a viajar.

Na vida cristã, não existem meteorologistas. Não existe nenhuma imagem espiritual de radares que rastreiam o leão que rugir; não existem atualizações espirituais com imagens de alta resolução que anunciam o perigo nos dias vindouros. Também não existem aviões voando no meio das nuvens violentas, lançando os mais variados instrumentos que servem para medir a velocidade dos ventos e a magnitude da tempestade. Não existe nenhum sistema de alerta celestial que interrompe a programação de nossas televisões para nos dizer que uma tempestade está chegando. Não existe nenhum sistema de alto-falante angelical no céu proclamando a notícia: “Amanhã, o perigo aparecerá à porta da sua casa.”

Então, o que fazemos? Bom, esse é um lembrete de que devemos andar com Deus hoje. Assim, estaremos no lugar certo amanhã.

Logo após nos alertar contra provações espirituais e sofrimentos, Pedro nos encoraja dizendo que o Senhor nos dará força e graça para lidar com o sofrimento, o qual durará apenas pouco tempo (1 Pedro 5.10). Enquanto isso, os desastres naturais servem para nos deixar alertas e lembrar a andar sempre perto do Senhor.

### **3. Terceiro: os desastres naturais reestruturam o nosso sistema de valores, fazendo-nos focar em coisas superiores.**

Os desastres naturais nos fazem focar:

- não em conforto, mas em caráter;
- não nos prazeres terrenos, mas no prazer de Deus;
- não em riqueza, mas em sabedoria;
- não em saúde, mas em santidade.

Nossas mãos estão tão pesadas com coisas que seguramos na terra que, quando Cristo voltar para nos buscar, acho que alguns crentes vão subir de ponta-cabeça!

Sufrimento e provações tendem a esvaziar nossas mãos e nos conduzir de volta à vida sábia. O salmista escreveu sobre essa lição ao dizer: *Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos* (Salmo 119.71). Observe bem a implicação de suas palavras aqui. O crente experimentará aflição—quer na forma de doença, provações e desastres naturais—não *porque* pecou, mas para impedi-lo de pecar ainda mais.

Esse foi precisamente o testemunho do apóstolo Paulo. Ele escreveu:

*E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte. Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim* (2 Coríntios 12.7–8).

Em outras palavras, o sofrimento manteve Paulo focado no espiritual. Quando passamos por desastres naturais, somos lembrados daquilo que mais importa.

#### **4. Quarto: a natureza selvagem também lembra o mundo de um desastre futuro e de um julgamento final.**

Nenhuma das tempestades e nenhum dos desastres que testemunhamos aqui e agora se compara com aqueles reservados para o período da Tribulação que há de vir sobre este mundo. Após o arrebatamento da igreja, o próprio Senhor soltará a natureza para que ela se porte de maneiras terríveis, realizando coisas que para nós são inimagináveis.

Apocalipse 6 fornece uma lista de todos os desastres que você possa imaginar. O capítulo descreve os últimos dias da história humana como a conhecemos, quando o mundo será impactado por: secas, enchentes, terremotos devastadores, chuvas de granizo, incêndios florestais consumindo um terço da vegetação, falta de água potável, fome, epidemias, pandemias, ataques por animais predadores, pragas, meteoros e asteroides caindo na face da terra, pânico mundial, etc.

Não importa quais desastres você já tenha testemunhado aqui, todos eles são apenas um sussurro do trovão vindouro da ira de Deus, mera sombra quando comparados ao raio do julgamento santo de Deus que virá sobre a terra e, por fim, todo pecador incrédulo.

O evolucionista se esforça para encontrar um escape para a humanidade. Como o ateu francês Voltaire disse, certa vez: “Somos insetos vivendo por alguns segundos em átomos de lama.” A humanidade torce para que isso seja verdade, mas eu e você somos almas imortais que viverão eternamente, experimentando ou a justiça do Senhor ou a alegria do Senhor, encarando os efeitos totais da maldição do pecado ou confiando no Salvador que encarou a maldição e derrotou suas consequências.

Gênesis 3 revelou para Adão algumas das consequências do seu pecado: ele suaria em seu trabalho. Adão tentaria dominar a terra para que o solo produzisse fruto, mas a terra lhe resistiria, produzindo espinhos e abrolhos. É claro, Adão experimentaria a morte—assim como eu e você. Entretanto, Jesus, o segundo Adão conforme Paulo o chamou, entrou neste mundo amaldiçoado e caótico. No Jardim do Getsêmani ele suou. Enquanto trabalhava para nos redimir da maldição, o Senhor transpirou gotas de sangue. Em seguida, foi crucificado, usando uma coroa de espinhos. Por fim, ele morreu.

A natureza selvagem é tanto um alerta do julgamento futuro, como um convite para o incrédulo crer em Cristo, o qual experimentou os efeitos do mundo amaldiçoado pelo pecado: suor, espinhos, morte!<sup>2</sup>

Jesus entrou no caos e na turbulência de um universo amaldiçoado a fim de que pudesse morrer por nós, ressuscitar dos mortos e prometer vida nele por toda a eternidade.

Enquanto isso, a natureza ao nosso redor reflete os atributos graciosos de Deus, bem como seus atributos de ira e justiça.

- Portanto, deixe o trovão lembrá-lo do poder incrível de Deus que há de ser revelado, conforme o apóstolo João ouviu ao redor do trono de Deus.
- Que todo raio nos faça temer o Senhor e sua pureza.
- Que toda chuva e tempestade nos lembrem da justiça de Deus que avança e um dia transbordará em julgamento.
- Que todo furacão nos lembre de nossa fraqueza em nos salvar do sopro de Deus, e

de que a segurança está naquele que manda  
o vento e o mar se acalmar!

- Que toda provação e dor nos lembrem de nossa confiança e glória vindoura em Cristo, e nos levem de volta em meio a cada tempestade ao que mais importa.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 16/09/2018

© Copyright 2018 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

---

<sup>1</sup> Wikipedia: ADM-Aeolus.

<sup>2</sup> Adaptado de Henry M. Morris, *The Genesis Record* (Baker, 1976), 127.